

Representações e cultura escolar compondo uma história: o processo identitário do Colégio Sagrado Coração de Jesus, Bento Gonçalves/RS (1956 – 1972)*

Maria Julia Tomedi Poletto**

Lúcio Kreutz***

Resumo: O artigo apresenta resultados de uma pesquisa sobre o Colégio Sagrado Coração de Jesus, de Bento Gonçalves/RS. Abrange o período de 1956, ano da criação do colégio, até 1972, com a implementação da LDB 5.692/71. O objetivo dessa investigação sobre a cultura escolar e o processo identitário do colégio é contribuir para a pesquisa em história das instituições escolares. Em relação à metodologia, utilizamos registros escritos, fotografias e a história oral de ex-alunos, ex-professores e moradores da região. Com base na análise, concluímos que o processo identitário do colégio apresenta algumas notas distintivas, tais como: predominância da etnia italiana, mudança no trabalho pedagógico e na estrutura física, e o ensino católico como norteador de práticas pedagógicas.

Palavras-chave: instituição educativa, processo identitário, cultura escolar.

* A versão inicial dessa pesquisa foi apresentada no X Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, realizado na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), em Curitiba/PR, no ano de 2014.

** Mestrado em Educação - Universidade de Caxias do Sul (UCS). E-mail: ju.t.poletto@gmail.com.

*** Doutorado em Educação. Professor e Pesquisador da Universidade de Caxias do Sul (UCS). E-mail: lkreutz@terra.com.br.

Representations and school culture making history: the identity process of the Colégio Sagrado Coração de Jesus, Bento Gonçalves, Brazil (1956 - 1972)

Maria Julia Tomedi Poletto
Lúcio Kreutz

Abstract: An analysis on the Colégio Sagrado Coração de Jesus in Bento Gonçalves RS Brazil is provided between 1956, the year of the establishment of the college, and 1972, when LDB 5.692/1971 was implemented. Current research contributes towards the history of educational institutions through an investigation of school culture and the college's identity process. Methodology comprised written records, photographs and the oral history of alumni, former teachers and local residents. Results showed that the college's identity stance comprised a predominance of Italian ethnicity, changes in pedagogical work and in its physical structure, and Catholic teaching foregrounding teaching practices.

Keywords: educational institution, identity process, school culture.

Representaciones y cultura escolar componiendo una historia: el proceso identitario del *Colégio Sagrado Coração de Jesus, Bento Gonçalves/RS (1956 - 1972)*

Maria Julia Tomedi Poletto
Lúcio Kreutz

Resumen: Este artículo presenta resultados de una investigación sobre el *Colégio Sagrado Coração de Jesus*, de Bento Gonçalves-Rio Grande do Sul - Brasil. Abarca el período de 1956, año de la creación del colegio, hasta 1972, con la aplicación de la LDB 5.692 / 71. El objetivo de esta investigación sobre la cultura escolar y el proceso identitario del colegio es contribuir para la investigación en historia de las instituciones escolares. Con relación a la metodología, utilizamos registros escritos, fotografías y la historia oral de ex-alumnos, ex-profesores y residentes de la región. A partir del análisis, llegamos a la conclusión de que el proceso identitario del colegio presenta algunas notas distintivas, tales como: predominio de la etnia italiana, cambio en el trabajo pedagógico y en la estructura física, y la enseñanza católica como guía de prácticas pedagógicas.

Palabras clave: institución educativa, proceso identitario, cultura escolar.

Introdução

Pesquisar a história de uma instituição educativa requer um olhar atento para as representações construídas pelos sujeitos que fizeram parte desse espaço. Do mesmo modo, exige uma análise cuidadosa das marcas que, explícita ou implicitamente, compõem a cultura escolar. Tratando especificamente do Colégio Sagrado Coração de Jesus, objeto desta investigação histórica, partimos do fato de que se trata de uma instituição confessional católica, particular, conduzida por uma congregação religiosa feminina oriunda da Itália.

Com essa simples ‘definição’ da instituição educativa, múltiplas análises podem ser propostas com base nas características mencionadas. Neste artigo, optamos por analisar o processo identitário do colégio por meio das representações dos sujeitos e das marcas da cultura escolar, as quais se vinculam com as características básicas da instituição educativa em questão.

O uso de registros escritos e de algumas fotografias como metodologia contribuiu para nossas interpretações iniciais dessa instituição. O trabalho com a história oral também colaborou significativamente para a construção desta investigação histórica, uma vez que revelou ausências, reforçou algumas análises e apresentou determinadas divergências com os documentos escritos. Assim, as representações produzidas pelos sujeitos entrevistados levaram-nos a entender que “[...] representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência” (Pesavento, 2008, p. 40).

Claro está que os registros escritos e as fotografias encontradas já tornariam possível produzir uma rica análise da instituição pesquisada, pois são fontes interessantes para as investigações históricas de instituições escolares. No entanto, destacamos que, após utilizar também a metodologia da história oral, percebemos um ‘salto qualitativo’ na investigação no que se refere tanto às recordações dos sujeitos quanto ao modo como eles representaram as relações, os processos, as necessidades e os interesses que permearam o Colégio Sagrado Coração de Jesus; ou seja, no que se refere à forma como sinalizaram o processo identitário dessa instituição.

Salientamos que a escolha dos sujeitos entrevistados pautou-se em sua participação no processo identitário do colégio nos anos pesquisados, ou seja, de 1956 a 1972. Neste artigo, optamos por manter o nome dos

entrevistados, já que todos autorizaram previamente esse uso por meio de termo de consentimento informado.

Por meio desses apontamentos, pautados na rigorosidade e na criticidade, procuramos construir uma pesquisa sólida a respeito dos modos de ser, de aprender, de se relacionar, de conviver e de agir presentes no cotidiano dessa escola, nas práticas escolares de uma cultura específica. De acordo com Vidal (2005, p. 63):

Em lugar de julgar a instituição escolar e seus sujeitos, cumpre compreender seu funcionamento interno, a operacionalização das práticas escolares, no intercâmbio com a sociedade e a história e no entendimento de que os saberes técnicos e as reformas são, eles também, constituídos no jogo das representações concorrentes sobre o que é a escola e como deve atuar.

Não temos a finalidade de ‘julgar’ o colégio em questão ou identificar ‘culpados’ para as divergências encontradas nos relatos e nos documentos escritos, até porque essa não seria a postura e o olhar condizentes com a pesquisa que, com base na história da educação e na história cultural, buscamos produzir. Pelo contrário, temos a intenção de produzir uma história possível e plausível das relações, das representações e da cultura escolar que permearam o processo identitário do Colégio Sagrado Coração de Jesus, em determinados tempo e espaço.

Processo identitário: marcas distintivas, rupturas e híbridez

“Impossível falar de história das instituições educativas sem situá-las na região que estão inseridas e, ante a outras escolas, situá-las no contexto socioeconômico da época” (Werle, 2004, p. 32).

Para iniciar o presente artigo em torno do processo identitário de uma instituição educativa, fazemos referência a Flávia Corrêa Obino Werle (2004), segundo a qual conhecer a comunidade em que a escola está inserida é primordial em uma investigação histórica. No caso, analisar a constituição desse colégio no espaço implica abordar sua organização, os sujeitos escolares e os movimentos de seu processo de criação.

O Colégio Sagrado Coração de Jesus surgiu em Bento Gonçalves/RS por solicitação da Paróquia Cristo Rei, cujo padre vigário

era Rui Lorenzi, e dos moradores da região da Cidade Alta. Almejava-se a criação de uma escola católica nesse espaço tanto para acolher os filhos e as filhas das pessoas da comunidade quanto para desenvolver a região, que já estava em movimento de progresso e de expansão. Importante mencionar que a região da ‘Cidade Alta’, atualmente conhecida como um bairro de Bento Gonçalves, foi assim denominada por se localizar na parte ‘alta’ da cidade e fora do centro do município, o qual estava (e está) localizado na região ‘baixa’.

Na ‘Cidade Baixa’ já existiam dois colégios particulares, confessionais e católicos na década de 50. Contudo, na Cidade Alta, região em evidente progresso pela presença da estação férrea, não existiam tais escolas. Esse foi mais um motivo para que o Colégio Sagrado Coração de Jesus se estabelecesse nesse lugar e contexto, tornando-se um fator de prestígio para as pessoas que ali residiam.

Em meados de 1950, embora existissem outros grupos étnicos na cidade, predominavam os descendentes italianos, o que também contribuiu para o processo de criação do colégio na região, uma vez que o interesse por uma educação voltada à manutenção dos valores e das crenças da antiga pátria era notável entre imigrantes italianos e seus descendentes.

Dessa forma, grande parte das crianças que iniciaram sua vida escolar na instituição eram filhos ou descendentes de imigrantes italianos, que desejavam uma educação pautada no catolicismo – religião predominante entre eles. Por essa razão, entendemos que a relação entre paróquia e colégio não se limitou à solicitação encaminhada às Irmãs Apóstolas. Pelo contrário: perpassou as práticas escolares e inseriu-se no interior da escola.

Cabe salientar que o Colégio Sagrado Coração de Jesus foi iniciativa do Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, criado por Clélia Merloni e um grupo de religiosas no ano de 1894, em Viareggio, Itália. Isso reforça o ‘entrelaçamento’ étnico entre a origem do Instituto e as regiões em que as escolas foram construídas no Brasil. Com base nessas percepções iniciais sobre o colégio, realçamos duas notas distintivas do processo identitário desta instituição: a religiosidade e a etnicidade.

Em relação à religiosidade, visivelmente identificada e representada por ex-alunos, ex-professores e moradores da região entrevistados na pesquisa, destacamos, além da participação constante do corpo discente nas festividades da Paróquia Cristo Rei (celebrações eucarísticas, festa de aniversário do padre vigário, etc), algumas sinalizações do presença do

catolicismo no interior da escola e, conseqüentemente, nas práticas educativas.

As orações diárias no início das aulas, os crucifixos pendurados nas paredes das salas de aula, a capela no interior do colégio, as imagens de santos pelos corredores são algumas das marcas do catolicismo no interior da escola. São evidências de que o ensino católico era norteador das práticas pedagógicas, especialmente das vinculadas à educação de valores, bem como à manutenção da ordem e da disciplina no ambiente escolar.

Por um lado, as atividades da Igreja envolviam a participação ativa dos sujeitos (alunos, professores e irmãs) do colégio. Por outro, a presença do padre Rui Lorenzi na escola também aparece registrada nos documentos escritos, sinalizando, assim, a interação constante entre esses espaços. Para realçar o envolvimento entre escola e igreja, apresentamos um registro da participação ativa do colégio nas atividades paroquiais:

No mês de dezembro de 1957 a paróquia Cristo Rei viveu dias de grande emoção, com a ordenação sacerdotal de 5 Rvdos. Diáconos, 4 dos quais, pertencentes a esta Diocese de Caxias do Sul e à Diocese de Pelotas.

Estas festas que ocorreram em 4 dias diferentes tiveram como parte integrante dos progra[s] *[sic]* homenagens do Externato S. C. de Jesus aos neo-sacerdotes (Atas, 1957).

A união entre a instituição educativa e a Igreja era bastante evidenciada nas atas. Tal situação pode ser compreendida como algo comum na época, já que a relação entre educação e religião era prioridade para os imigrantes da região e era questão prioritária para a pastoral da diocese. Conforme afirma Luchese (2007, p.181-182):

A escolarização na Região Colonial Italiana foi, ao final do século XIX e início do século XX, marcada pela coexistência de inúmeras iniciativas e de agentes que intervieram em prol da escola de primeiras letras. [...] As escolas confessionais como iniciativas de diversas congregações que progressivamente se instalaram na Região. Apoiadas ao clero local, tiveram importância na difusão da religião católica, mas também na qualificação da educação. Fundando colégios com internatos, seminários e noviciados, trouxeram a formação secundária para a Região bem como diferentes concepções

curriculares de ensino. Imbuídos pelo movimento de restauração católica, buscaram a disseminação da religiosidade, através da formação de clérigos e freiras, além de terem sido responsáveis pela formação de muitos dos líderes da política e da economia regional.

Pelo apoio recebido do clero local, é natural que essa relação entre o colégio e a paróquia fosse tão próxima e aparecesse registrada nos documentos escritos. Encontramos inúmeros registros no livro de tomo da paróquia, os quais reforçam a participação das Irmãs e da comunidade educativa do Colégio Sagrado Coração de Jesus nos eventos promovidos pela Igreja, enaltecendo, inclusive, o cuidado e o zelo que as Irmãs Apóstolas dedicavam à educação cristã.

Em suas visitas pastorais, o bispo da diocese de Caxias do Sul, Dom Benedito Zorzi, ressaltava a presença e o empenho das Irmãs na educação católica. É o que se observa no termo de visita pastoral redigido pelo bispo no Livro de tomo da Paróquia Cristo Rei em 30 de abril de 1963: “A catequese é bastante bem cuidada, colaborando muito as Rvdas Irmãs Zeladoras do S. Coração de Jesus” (p. 57 f.).

Em outras passagens do livro de tomo referentes às visitas do bispo da diocese, verificamos a atenção prestada às Irmãs e ao Colégio Sagrado, já que sempre constam referências ao trabalho realizado por elas. Um exemplo é encontrado no Termo de Visita Pastoral de 1973:

- ‘Visita aos colégios’: no dia 6 e na manhã de 7 houve a visita ao Colégios, respectivamente, Nossa Senhora Medianeira e Aparecida, na Paróquia de S^o Antônio. O dia 8 ficou reservado ao ‘Colégio S. Coração de Jesus’ com visita e missa às Irmãs, desde 6,30 horas; aos alunos maiores; e de tarde aos pequenos (Livro de tomo..., 1973, p. 95 f, grifo do autor).

Nesse escrito, percebemos uma preocupação com as escolas católicas do município, sempre visitadas pelo bispo. Percebemos também o zelo pelo Colégio Sagrado, para o qual o bispo dedicava um ‘tempo a mais’. Portanto, o apoio do padre vigário Rui Lorenzi e do bispo Dom Benedito Zorzi às atividades escolares confirma o empenho para que a educação fosse pautada na religiosidade.

Do mesmo modo, a lembrança da ligação entre escola e Igreja é sempre relatada pelos entrevistados, o que aponta justamente para uma congregação marcada pela presença ativa nas atividades religiosas, pela fé,

pela construção de valores e pela esperança de um povo que tinha como propósito educar seus filhos sem perder sua crença católica: “Tudo que acontecia na paróquia a gente vivenciava junto na escola porque as irmãs trabalhavam também na paróquia, na parte da pastoral da paróquia. E nós, como escola, também participávamos da vida paroquial” (Ir. Marinês Tusset¹, 2013).

Interessante observar que a intensidade dessa relação entre paróquia e escola era tão forte que, em muitos casos, dava-se mais importância aos assuntos da Igreja do que aos do próprio governo do município, neste caso, a prefeitura. Exemplo disso é um excerto do relato de um ex-aluno do colégio:

O padre Rui Lorenzi eu recordo que ele vinha, não te digo exatamente, mas acho que ele vinha uma vez por semana na escola. E eu lembro que tinha, assim, uma ligação muito forte entre a paróquia e as irmãs, porque as irmãs eram muito bacanas. Então havia união e uma forte participação. Inclusive a irmã diretora era muito incisiva na participação da escola com as atividades da paróquia [...] não só os alunos, mas também os pais. E era tudo na paróquia e com o padre Rui Lorenzi. A prefeitura, por exemplo, a gente nem mencionava. Não se participava de atividades na prefeitura. Na verdade, o padre Rui Lorenzi era muito ligado, era ele que tava sempre junto (Ari Orestes Cetolim, 2013)².

Analisando os relatos dos entrevistados percebemos uma opinião unânime quanto à relação entre paróquia e escola, o que nos leva a crer que o processo identitário da congregação foi marcado por movimentos de ruptura segundo as necessidades dos moradores e da própria paróquia. Enquanto pesquisadores, entendemos que o processo identitário não se construiu de forma ‘natural’, pelo contrário, foi estabelecido por meio de ‘negociações’, nas quais participava a comunidade, com suas expectativas, a paróquia, com suas necessidades, e a congregação, com as intenções que tinha ao chegar no município. Assim:

¹ Foi aluna do colégio de 1957 a 1963 e, posteriormente, tornou-se freira da congregação das Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus.

² Foi aluno no curso ginasial até 1966.

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de ‘uma falta’ de inteireza que ‘é preenchida’ a partir de nosso ‘exterior’, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por ‘outros’ (Hall, 2004, p. 39, grifo do autor).

Estendendo esse olhar para a congregação das irmãs e para o colégio criado em Bento Gonçalves, encontramos um aspecto do processo identitário que, aparentemente, pode ter passado ‘despercebido’ na investigação produzida: a etnicidade. Embora o ensino proposto na escola não fosse em italiano, identificamos, nas memórias evocadas, a presença de marcas étnicas na instituição, especialmente do grupo italiano.

Considerando que a comunidade da Cidade Alta era predominantemente composta por imigrantes e descendentes italianos, pode-se afirmar que a manutenção dos valores, do sentimento de italianidade (Luchese, 2007) e da religião católica era primordial para esse grupo. A prática dos imigrantes e descendentes de procurar estratégias para manter vivas algumas características de sua pátria, aproximar seus costumes daqueles vividos em sua terra natal, era comum.

Na realidade, essa proximidade com o lugar de origem não significava um ‘retorno ao passado’, mas garantia a manutenção de alguns aspectos que, para o grupo étnico em questão, eram fundamentais. Como afirma Stuart Hall (2004, p. 88):

Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades.

Assim, a presença de religiosas na região representava uma alternativa para manter a fé e uma possibilidade para educar os filhos desses imigrantes e descendentes de italianos, bem como para cultivar aspectos da pátria mãe em território brasileiro. Da mesma forma, a própria congregação das irmãs, sendo de origem italiana, fortalecia esse estreitamento entre a escola e a região em que esta se inseria, evidenciando a etnicidade.

No interior da escola, algumas práticas também revelavam a presença da língua italiana, embora o ensino do italiano não estivesse previsto no currículo.

O português e a matemática eu me lembro, assim, que realmente o ensino era muito forte, era valorizado. E os cantos italianos também! Eu ainda lembro uns cantinhos italianos que eles nos ensinavam. Mesmo não tendo aula de italiano, mesmo assim eles nos ensinavam os cantinhos em italiano [...] Também, a maioria era descendente de italiano (Ir. Marinês Tusset, 2013).

Cientes de que as lembranças dos cantos referiam-se ao tempo em que a entrevistada frequentava o curso primário, supomos que o ensino de canções era comum na prática docente com crianças pequenas. Para a análise, interessa destacar que o fato de o ensino destas canções ter sido na língua italiana, por si só, revela essa relação estreita entre o colégio e o grupo étnico italiano.

Além disso, fora dos portões da escola, as famílias dos imigrantes e dos descendentes de italianos tinham o costume de se comunicar por meio do dialeto italiano. Assim, embora as crianças - alunos do colégio Sagrado Coração de Jesus - falassem o português e aprendessem esse idioma no contexto escolar, algumas práticas de ensino eram direcionadas para o uso do idioma italiano, o que revela que a etnicidade atravessava a cultura escolar.

Além do ensino da língua italiana no colégio e da comunicação por meio do dialeto nas famílias, a presença da cultura italiana é identificada também em outras atividades do colégio. Conforme depoimento de Lérica Milani³ a respeito de seu tempo de professora:

[...] nós fizemos um desfile, na época em que a Ir. Lucrecia era diretora, que daí falava de todas as profissões e da descendência de italiano. Aí eu organizei um grupo de pais e nós gravamos músicas em italiano, na própria escola, e depois na hora do desfile a gente colocou essas músicas italianas, por um grupo que representava assim os italianos. E eram todas as profissões, então tinha o madeireiro, que tava com o uniforme da fábrica, o ferreiro, que tinha uniforme da empresa, o fassolo, que tinha a roupa de couro. Foi bem legal! Na verdade, esse era o desfile da semana de Bento. Então pro desfile a gente ‘pegava’ tudo de Bento: o vinho, os italianos [...] (Lérica Milani, 2014, grifo nosso).

³ Foi aluna do colégio até 1966. A partir de 1969, trabalhou como professora do primário e do ginásial (disciplina de Língua Portuguesa).

No currículo oculto, transpareciam as marcas da etnicidade, especificamente da cultura italiana: tanto pelas vivências e práticas dos sujeitos no interior da escola quanto pelo diálogo em dialeto italiano entre as famílias fora do espaço escolar. Da mesma forma, a identificação do grupo de religiosas com a região, visto que a congregação italiana assumiu a proposta educativa em um território em que predominavam descendentes italianos, também traduz a presença da etnicidade e, conseqüentemente, a hibridez no processo identitário da instituição.

Dessa forma, compreendemos que o processo identitário da escola está emaranhado pelo entorno da escola, pela história que se constrói dentro e fora de seus portões. Compreendemos também que “[...] as mudanças identitárias inerentes ao ato migratório, provocando modificações no processo cultural, têm e sempre tiveram repercussões no processo educacional” (Kreutz, 2010, p. 57).

Nesta análise específica, concluímos que o processo identitário do colégio está alinhado com algumas características do grupo étnico italiano predominante na região. Tal predominância da etnia italiana no processo identitário do colégio investigado ocorreu de maneira ‘sutil’, por meio de práticas que, embora pareçam neutras, eram imbuídas de interesses, de necessidades específicas desse grupo étnico em face das relações de poder. Portanto, tais práticas, assim como a instituição educativa em si, não podem ser naturalizadas ou entendidas como neutras.

A análise revelou um momento de ruptura no processo identitário da congregação das Irmãs Apóstolas em Bento Gonçalves: a direção do Hospital Maria Tereza Goulart.

Segundo o livro *Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus: 100 anos a Serviço do amor*, volume III:

No dia 1º de agosto de 1963, foi aberto um moderníssimo Hospital na cidade gaúcha de Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul, pertencente à ‘SOCIEDADE BENEFICENTE MARIA TEREZA GOULART’. Para lá, foi designado um grupo de Irmãs que assumiu a direção e os trabalhos de enfermagem. As Apóstolas já atuavam na cidade, marcando presença no setor da educação cristã, trabalhando num colégio próprio (Wernet, 2002, p. 243, grifo do autor).

Considerando as entrevistas realizadas e os registros escritos, o mês de agosto de 1963 foi marcado como o início de uma nova caminhada das

Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus no município de Bento Gonçalves. A congregação ampliou as fronteiras de seu processo identitário, assumindo a direção de um hospital que estava sendo construído.

De acordo com o livro de tomo da Paróquia Cristo Rei (1963, p. 59 v), “A 21 de agosto de 1963, vindas de Curitiba, chegaram as Revdas Irmãs Missionárias do Jesus Crucificado, que deverão atender no Hospital Maria Tereza Goulart [...]”. As irmãs vinham com a finalidade de acompanhar a conclusão das obras do hospital e dirigir esse novo espaço destinado à saúde. Importante destacar que, embora o hospital tenha sido administrado pelas Irmãs Apóstolas por um determinado período, foi construído com dinheiro público federal⁴, não sendo uma obra própria dessa congregação.

As irmãs tinham experiência na área da saúde, como enfermeiras e administradoras de hospitais. Contudo, em virtude do Golpe Militar de 1964, o hospital foi tomado pelos militares e, em menos de um ano, elas tiveram que se retirar do local, ocasionando-se assim a ruptura em seu processo identitário, no sentido de uma experiência diferente (fora do âmbito educacional) no território bentogonçalvense. Ocorreu, assim, um fato no processo identitário, vinculado ao que nos afirma Ulf Hannerz (1997) sobre hibridez.

Para o autor, a hibridez significa a mistura das culturas que, assim, promove a transformação dos processos identitários. Vale ressaltar que, como afirma Hannerz (1997), essa mescla de culturas não ocorre de maneira igualitária e durante um mesmo período para todos os grupos. O híbrido (e as outras formas de definir mistura, como bem escreve Hannerz) ocorre em tempos e em espaços distintos:

O que precisa ser dito é que, em determinado período, algumas culturas são mais crioulas do que outras, na medida em que as correntes culturais se encontram em condições específicas e com resultados mais ou menos

⁴ Considerando que o então presidente da República era o Sr. João Goulart e que as verbas para a obra eram federais, entendemos que o nome dado ao hospital (nome da primeira dama) era uma forma de agradecimento e homenagem ao próprio presidente da República. Tal fato também evidencia a posição dos partidos políticos que geriam Bento Gonçalves no período, sem dúvida alinhados com a presidência da República.

dramáticos, se distinguem historicamente das outras, mesmo que elas próprias tenham resultado de outras confluências (Hannerz, 1997, p. 28).

Dessa perspectiva, a hibridez é interpretada como um movimento que promove o contato entre culturas e sua consequente ‘miscelânea’. A mistura não significa o encontro de duas culturas para a criação de uma só, mas sim a passagem de uma cultura por outra, de forma que cada uma leve consigo algumas marcas daquilo que vivenciou da outra.

Ao analisarmos a presença das Irmãs Apóstolas em Bento Gonçalves, especificamente no período em que administraram o hospital Maria Tereza Goulart, compreendemos uma semelhança no processo identitário dessa congregação com o conceito de hibridez elaborada por Hannerz (1997). Afinal, a participação das irmãs no espaço hospitalar ocorreu pela necessidade e pela solicitação de um povo, pelo apelo da Igreja e também pelos conhecimentos prévios e pelas experiências anteriores que essa congregação possuía na área da saúde.

Nesse sentido, a ‘mistura’ daquilo que se sabia com aquilo que se queria fora vivenciada pelo grupo de religiosas que, na tentativa de dar conta de um novo espaço bentogonçalvese, ampliaram suas fronteiras, ou seja, seu processo identitário tomou novos rumos no município, uma vez que elas haviam chegado para se dedicar à escola. Mesmo que não tenha se tornado permanente, visto que a direção do hospital ocorreu apenas por um curto período de tempo, a vivência desse grupo no espaço hospitalar produziu marcas interessantes no processo identitário da congregação e do próprio colégio. Afinal, em 1964, algumas irmãs que trabalhavam no hospital foram transferidas para a escola, tornando-se, inclusive, professoras “[...] porque naquele tempo as exigências do MEC não eram tão rigorosas” (Ir. Maria Josefina Suzin⁵, 2014).

No caso, a hibridez presente no processo identitário do colégio é representada aqui pela contribuição das irmãs da congregação em áreas diferentes (saúde e educação) do município, mas que, de certa forma, estavam entrelaçadas no decorrer de determinado período.

Cultura escolar: representações em torno da arquitetura e das práticas educativas

⁵ Irmã da congregação que trabalhou como secretária no hospital Maria Tereza Goulart e foi professora de geografia no Colégio Sagrado Coração de Jesus.

Investigar o processo identitário de uma instituição educativa significa refletir sobre os modos de agir, de pensar, de se relacionar, de aprender e de ser no interior da escola, ou seja, sobre a cultura escolar. Para tanto, valemo-nos das palavras de Viñao-Frago (1995, p. 69, tradução nossa)⁶:

Alguém dirá tudo. E se é verdade, a cultura escolar é toda a vida escolar: fatos e ideias, mentes e corpos, objetos e comportamentos, modos de pensar, dizer e fazer. O que acontece é que neste grupo existem alguns aspectos que são mais relevantes do que outros, na medida em que estão a organizar elementos que conformam e definem.

Cientes da amplitude da temática ‘cultura escolar’, optamos por analisar dois aspectos que compõem a cultura do colégio e parecem estar intrinsecamente relacionados à identificação dessa instituição: a arquitetura e a prática de ensino. Quanto ao primeiro, direcionaremos nossa investigação especificamente para as edificações em que a escola funcionou. Quanto às práticas de ensino, abordaremos as representações do modo de agir dos sujeitos escolares, traduzidas pelos registros escritos e pelas memórias dos entrevistados.

A escolha da arquitetura escolar deve-se à edificação em que o colégio funcionou no período investigado. De 1956 a 1966, o Colégio Sagrado Coração de Jesus funcionou em um antigo moinho, localizado ao lado da Paróquia Cristo Rei.

⁶ “Alguien dirá: todo. Y si, ES cierto, la cultura escolar ES toda la vida escolar: hechos e ideas, mentes y cuerpos, objetos y conductas, modos de pensar, decir y hacer. Lo que sucede es que en este conjunto hay algunos aspectos que son más relevantes que otros, en el sentido que son elementos organizadores que la conformam y definen”.

Figura 1. Moinho – sem informação de data.



Fonte: Acervo da Biblioteca Mãe Rainha, do Colégio Sagrado Coração de Jesus - Bento Gonçalves.

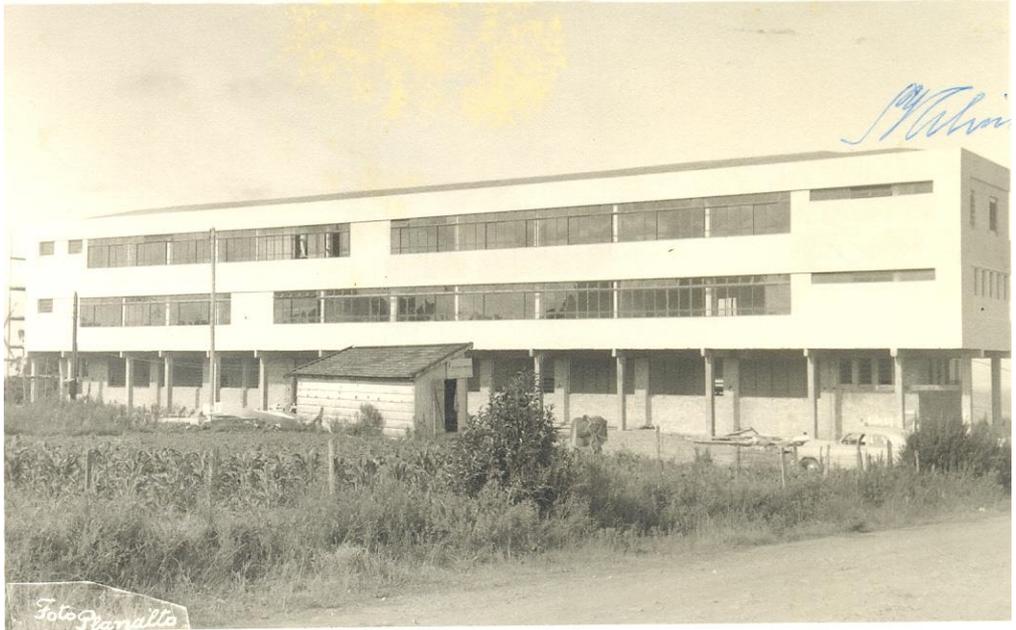
As adaptações feitas no prédio para a efetivação de uma proposta educativa foram visíveis: as salas apertadas, a biblioteca em local ‘reduzido’ e o antigo ‘porão’ servindo de área coberta para as crianças foram algumas das recordações desse tempo de adaptações da estrutura física para receber uma escola e, conseqüentemente, atender os alunos. Além disso, o cheiro do cereal, as ‘paredes enfarinhadas’ e os farelos em cima das classes foram relatados por ex-alunas e por ex-professoras como lembranças desse tempo em que, mesmo não estando mais em funcionamento, o moinho deixou resquícios na cultura escolar do colégio.

Lá no moinho era tudo apertado, adaptado...Até porque não tinha muito para onde crescer, então eles iam subindo, usando os andares do moinho com salas. [...] Então o espaço era assim: ocupavam tudo, qualquer burquinho se fazia sala de aula. E o espaço do porão a gente ficava lá quando chovia, para fazer o recreio (Lérida Milani, 2014).

Com o crescimento do colégio e o aumento do número de matrículas no decorrer dos anos, as irmãs sentiram a necessidade de construir um prédio próprio, tendo o apoio da paróquia e da comunidade. Dessa forma,

em 8 de dezembro de 1966, ocorreu a inauguração do prédio novo, onde até hoje funciona a instituição educativa.

Figura 2. Fachada Ginásio Sagrado Coração de Jesus. Rua Candelária s/n. Cidade Alta - Bento Gonçalves. 8/12/1966.



Fonte: Acervo da Biblioteca Mãe Rainha, do Colégio Sagrado Coração de Jesus - Bento Gonçalves.

Com base nas entrevistas, notamos, nas representações dos moradores que contribuíram para a construção deste colégio, a importância atribuída à obra para a região da Cidade Alta, assim como as necessidades consideradas primordiais por essas pessoas e que precisavam ser ‘resolvidas’ nessa construção. Para os entrevistados, tratava-se de dar conta da quantidade de alunos por meio da construção de mais salas de aula e de ter um local que servisse de residência para as irmãs. Isso garantiria a permanência da congregação na cidade, assim como o estudo para os filhos dos moradores da região.

Pelas fotografias apresentadas, seria possível produzir uma profunda análise do entorno e da edificação, mas, neste artigo, nosso intuito foi assinalar a mudança na edificação do colégio e as repercussões dessa transformação no processo educativo. Afinal, o espaço educa:

A disposição arquitetônica dos prédios, a distribuição e ordenação dos espaços, a orientação estética, a acessibilidade influenciam o cotidiano educacional, quanto à materialidade e à funcionalidade, mas também afetam as representações e os modos de estar, vivenciar, relacionar-se, referenciar e projetar por parte de todos os membros de uma comunidade educativa (Magalhães, 2004, p. 144).

Partindo do entendimento de que o espaço educa, compreendemos que a investigação acerca da arquitetura escolar é atravessada pela análise das representações e dos discursos que influenciaram algumas práticas dos sujeitos no espaço escolar. Importante destacar que, nesta pesquisa, entendemos o espaço escolar como ‘potencializador’ de práticas, de modos de pensar, de ser e de agir dos sujeitos no interior da escola.

Além da pesquisa referente ao espaço, encontramos o ‘ensino’ como uma prática da cultura escolar que, nos anos pesquisados, contribuiu ativamente para os modos de pensar, de agir e de ser dos sujeitos escolares. Nos registros escritos (livros de atas), identificamos uma interessante modificação no processo de ensino dos alunos.

Até 1965, os livros de atas do colégio aparecem com registros ‘floridos’, enfatizando a presença das poesias, das músicas e das festividades no cotidiano da escola. Já a partir de 1969, as atas evidenciam uma preocupação como o currículo, com a avaliação e com a formação continuada dos professores. As atas evidenciam também a marcante presença de discussões em torno desses aspectos; cientes disso, inferimos que essa mudança ocorreu pela legislação que estava sendo proposta e, anos mais tarde, foi implementada no setor educacional brasileiro, ou seja, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB nº 5.692/71.

A elaboração e a posterior vigência dessa legislação pode ter acarretado mudanças nos processos de ensinar e de aprender da escola, incluindo nos registros em atas e nas discussões, que eram consideradas necessárias no período. Para analisar este tema, foi importante a contribuição da história oral tanto no caso das representações em torno do colégio, quanto para a nossa interpretação da cultura escolar e das práticas de ensino.

Embora, nos registros escritos, a preocupação com o currículo, a avaliação e os processos que fazem parte dos modos de ensinar seja visivelmente identificada após 1969, ex-alunos e ex-professoras recordaram, no período anterior a 1969, “[...] de um ensino forte e com

aulas bem dadas” (Ir. Marinês Tusset, 2013). Claro está que os cantos, as poesias e as dramatizações foram componentes dos modos de ensinar e de aprender das crianças do colégio, o que pode justificar essa aparente mudança (ou ruptura) do ensino a partir de 1969.

Ou seja, pela memória dos sujeitos entrevistados, a exigência nos trabalhos, a preocupação com os conteúdos e o cumprimento das aulas esperadas para cada ano letivo aconteciam desde a criação do colégio, em 1956, inclusive na educação ofertada pelas próprias freiras da congregação, uma vez que elas foram professoras do colégio no curso primário até meados de 1963.

Dessa forma, afirmamos que os modos de agir, para além da legislação vigente, estavam atrelados ao que o professor acreditava ser importante ensinar. Isso não significa que a prática docente era uma ‘afrenta’ aos imperativos legais do período, mas sim que “[...] de fato, a única restrição exercida sobre o professor é o grupo de alunos que tem diante de si, isto é, os saberes que funcionam e os que ‘não funcionam’ diante deste público” (Julia, 2001, p. 33, grifo do autor).

Em outras palavras, pelos relatos orais, por mais que não estivessem registradas, foi possível compreender a existência de determinadas práticas pedagógicas vinculadas a alguns aspectos que, aparentemente, só surgiram na escola após 1969, com a implementação da LDB nº 5.692/71. Possivelmente, os assuntos contidos nessas recordações dos sujeitos entrevistados não constavam em livros de atas porque, naquele período, não precisavam ser obrigatoriamente sistematizados e registrados. Com a implementação da legislação em questão, supomos que a existência desses registros se deveu às exigências específicas dessa lei, assim como aos novos olhares traçados para o processo educativo.

Independentemente da presença ou da ausência de registro nos livros de ata, ressaltamos que, para além da legislação, o protagonista das práticas de ensinar no colégio era o professor. Isso demonstra o quanto a legislação, por si só, não foi (e não é) capaz de determinar ou ‘absolutizar’ os modos de agir dos sujeitos no espaço escolar.

Considerações finais

Neste artigo, buscamos apresentar algumas notas distintivas de uma instituição educativa em determinado período. Com base nas investigações produzidas, compreendemos que o processo identitário não pode ser

entendido como algo fixo, ‘engessado’ e estável. Pelas rupturas, pelas misturas e pelos constantes movimentos, realçamos o caráter dinâmico e flexível do colégio em relação ao seu processo identitário.

Para esta investigação, foram selecionados alguns aspectos visíveis da cultura escolar, como o da religiosidade norteador algumas práticas pedagógicas e o das mudanças na edificação do colégio. Dentre os motivos dessa seleção, apontamos, de um lado, o fato de que tais aspectos produziram ecos na formação dos sujeitos escolares; de outro, que seus diversos registros fotográficos e escritos foram identificados no acervo da escola. Da mesma forma, escolhemos aspectos que, aparentemente, não se apresentavam, mas que, por meio da pesquisa produzida, ousamos dizer que eram ‘silenciados’ no interior da escola. Tal escolha pautou-se na necessidade de investigarmos o ‘não-dito’, ou seja, as ausências que estavam presentes na instituição educativa, como a etnicidade, as práticas de ensino e, inclusive, as mudanças e as rupturas no trabalho das freiras da congregação no município de Bento Gonçalves.

Além disso, as entrevistas realizadas levaram-nos a perceber a relevância da história oral nas pesquisas históricas, assim como a necessidade de analisarmos essas memórias com rigor, entendendo-as como representações de sujeitos em torno de determinados espaços e tempos. Com esse olhar, identificamos a representação como uma construção imbuída de interpretações, olhares, significados e intencionalidades. Afinal, as representações são produções “[...] pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles” (Chartier, 1991, p. 177).

Por tudo isso, esclarecemos que esta pesquisa não teve como propósito a caracterização definitiva da identidade do Colégio Sagrado Coração de Jesus, até porque, pela perspectiva da história cultural, isto seria uma impossibilidade. Entretanto, pela análise produzida, concluímos que a investigação histórica dessa instituição educativa torna-se relevante à medida que busca ser o mais plausível e verossímil possível, sendo este o desafio do historiador. Conforme relata Pesavento (2008, p. 50):

A figura do narrador – no caso, o historiador, que narra o acontecido – é a de alguém que mediatiza, que realiza uma seleção dos dados disponíveis, que tece relações entre eles, que os dispõe em uma sequência dada e dá inteligibilidade ao texto.

Entendemos que, em nada do que foi construído se encontram verdades absolutas, mas todas as representações analisadas e produzidas estão imbuídas de intencionalidades, prioridades e necessidades e estas foram investigadas no decorrer do estudo. Suspeitar das certezas e revelar as ausências, a fim de construir uma história com rigor e criticidade: esse é o papel do historiador que, certamente, tentamos assumir nesta pesquisa!

Referências

- Atas. Colégio Sagrado Coração de Jesus. (1956-1965). Bento Gonçalves.
- Brasil. Presidência da República. (1971). Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Acessado em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>
- Cetolim, A. O. (2013). *Entrevista*. Bento Gonçalves, 2013. Entrevista concedida a Julia Tomedi Poletto.
- Chartier, R. (1991). O mundo como representação. *Estudos Avançados*, 11(5), 173- 191.
- Hall, S. (2004). *A identidade cultural na pós-modernidade* (9a ed.). Rio de Janeiro, RJ: DP&A.
- Hannerz, U. (1997). Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana*, 3(1), 7-39.
- Julia, D. (2001). A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, (1), 9-44.
- Kreutz, L. (2010). Migrações e culturas em diálogo. In Felgueiras, M. L., Vieira, C. E. (Orgs.). *Cultura escolar, migrações e cidadania* (p. 49-74). Porto, PT: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.
- Livro de tombo da Paróquia Cristo Rei. (1963, 1973). Bento Gonçalves.
- Luchese, T. Â. (2007). *O processo escolar entre imigrantes da Região Colonial Italiana do RS – 1875 a 1930: Leggere, scrivere e calcore* per

Maria Julia Tomedi POLETTTO; Lúcio KREUTZ.

essere alcuno nella vita (Tese de Doutorado em Educação).
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

Magalhães, J. P. (2004). *Tecendo nexos: história das instituições educativas*. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco.

Milani, L. (2014). *Entrevista*. Bento Gonçalves. Entrevista concedida a Julia Tomedi Poletto.

Pesavento, S. J. (2008). *História & história cultural* (2a ed.). Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Coleção história &... reflexões, 5).

Suzin, I. M. J. (2014). *Entrevista*. Bento Gonçalves. Entrevista concedida a Julia Tomedi Poletto.

Tusset, I. M. (2013). *Entrevista*. Bento Gonçalves. Entrevista concedida a Julia Tomedi Poletto.

Vidal, D. (2005). Cultura e práticas escolares. In Vidal, D. *Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)* (p. 21-65). Campinas, SP: Autores Associados. (Coleção memória da educação).

Viñao-Frago, A. (1995). Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. *Revista Brasileira de Educação*, (0), 63-82.

Werle, F. O. C. (2004). História das instituições escolares: de que se fala? In Lombardi, J. C., & Nascimento, M. I. M. (Orgs.). *Fontes, história e historiografia da educação*. Campinas, SP: Autores Associados (p. 13-32). (Coleção memória da educação).

Wernet, A. (2002). *Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus: 100 anos a serviço do amor* (Vol. III). Bauru, SP: Edusc.

Data de submissão: 14/03/2015

Data de aprovação: 03/05/2016

Este é um artigo de acesso aberto, distribuído sob os termos da licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos, em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.